



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFROBRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ISABEL VITÓRIA CAMURÇA MELO

**AS NARRATIVAS SOBRE O “LÁPIS COR DE PELE”: A PARTIR DE
VIVÊNCIAS RACISTAS NO COTIDIANO ESCOLAR DE ALGUMAS ESCOLAS DE
MARACANAÚ-CE.**

**ACARAPE – CE
2024**

ISABEL VITÓRIA CAMURÇA MELO

**AS NARRATIVAS SOBRE O “LÁPIS COR DE PELE”: A PARTIR DE
VIVÊNCIAS RACISTAS NO COTIDIANO ESCOLAR DE ALGUMAS ESCOLAS DE
MARACANAÚ-CE.**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Orientadora Profa. Dra. Jacqueline Costa

**ACARAPE – CE
2024**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Melo, Isabel Vitoria Camurça.

M485n

As narrativas sobre o "lápiz cor de pele": a partir de vivências racistas no cotidiano escolar de algumas escolas de Maracanaú-ce / Isabel Vitoria Camurça Melo. - Redenção, 2024.
54f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientador: Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa.

1. Antirracismo. 2. Cor de pele. 3. Educação infantil. 4. Relações étnico-raciais. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 305.800981

ISABEL VITÓRIA CAMURÇA MELO

**AS NARRATIVAS SOBRE O “LÁPIS COR DE PELE”: A PARTIR DE
VIVÊNCIAS RACISTAS NO COTIDIANO ESCOLAR DE ALGUMAS ESCOLAS DE
MARACANAÚ-CE.**

Trabalho de conclusão de curso a ser apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Data de Aprovação

29/11/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa (Orientadora-UNILAB)

Profa. Dra. Ana Paula dos Santos (UFCA)

Profa. Me. Luane Fróis (UFOPA)

**ACARAPE-CE
2024**

DEDICATÓRIA

A minha família desde cedo contribui para a minha escolarização e me incentivam sempre a estudar para obter uma formação e profissão digna. A minha melhor amiga Maria Eveline e ao meu noivo Almiro Neto por estarem ao meu lado apoiando e incentivando durante toda esta trajetória acadêmica, acreditando que posso voar cada vez mais alto. Dedico a vocês com muito amor e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que vivo e por cada experiência que me tornou a mulher e futura docente que sou hoje, experiências que me ensinaram a ter mais empatia para com o próximo respeitando-o sempre e tendo a consciência de que nesse mundo não existem pessoas superiores e inferiores independente de sua raça, religião e cultura.

Agradeço a banca examinadora, às professoras Ana Paula Santos e Luane Fróis por aceitar o convite e serem pessoas admiráveis e respeitadas. E pela leitura atenta e por trazer importantes contribuições para a pesquisa.

Sou imensamente grata a minha excelente orientadora Jacqueline Costa, pois sem ela a realização dessa monografia não seria possível, agradeço por cada noite corrigindo o trabalho e por acreditar em mim até quando eu me via perdida e pensando que não iria conseguir.

Por fim, parablenizo e agradeço a mim mesma por mais essa conquista, por não desistir mesmo quando quis jogar tudo para o alto.

EPÍGRAFE

*“ Se a educação sozinha não
transforma a sociedade, sem ela
tampouco a sociedade muda”.*
(Paulo Freire)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), buscou compreender como a prática das narrativas sobre o “lápiz cor de pele” em algumas escolas de Maracanaú-Ce podem ser uma atitude racista e discriminatória na Educação Infantil. Desse modo, ao analisar como as crianças negras e não negras reagem a essa narrativa, busquei também entender como poderemos desenvolver atividades pedagógicas que contribuem para a autoafirmação da identidade da criança negra, entendendo como essas crianças reproduzem o racismo no âmbito escolar infantil em que estão inseridas. A pesquisa se deu na Escola Creche Gênesis, turma do infantil 5, no município de Maracanaú, estado do Ceará. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que tem como caminho teórico a Educação Afrocentrada e a Educação das Relações Étnico-raciais. Utilizamos o método da Observação Participante, com a realização de atividades pedagógicas e da observação da rotina cotidiana da sala de aula, utilizamos ainda como ferramenta teórica e de análise a Pretagogia para compreender como as referências positivas do ser negro afeta o universo cognitivo das crianças negras. A pesquisa nos mostrou que, a prática das narrativas sobre o “lápiz cor de pele” na escola Creche Gênesis, em Maracanaú-Ce é sim, uma atitude racista e discriminatória na Educação Infantil, é necessária e urgente uma intervenção pedagógica e administrativa da coordenação da escola para que essa prática não ocorra. Desse modo, é importante que a escola e a secretaria de educação do município promovam momentos de formação continuada e reflexões acerca do processo sócio-histórico da sociedade brasileira, bem como a conscientização sobre as características físicas que diferenciam todos os seres humanos, na qual não os tornam inferiores.

Palavra-chave: Educação Afrocentrada; Educação das Relações Étnico Raciais; Unilab, Pretagogia; Educação Infantil; Lápiz cor de pele; Racismo.

LISTA DE SIGLAS

BHU - Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CE - Ceará

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NA ESCOLA.....	12
2.2 Trajetória de Vida: As Vivências no Cotidiano Escolar.....	13
2.3 O Racismo Presente na Escola.....	16
3. A ESCOLA E AS NARRATIVAS SOBRE O “LÁPIS COR DE PELE”.....	18
4. UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: CAMINHOS PARA UM CURRÍCULO AFROCENTRADO	20
4.1 Formação de Professores(as).....	24
5. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	26
Tabela 1 - Realização da Atividade da Pesquisa.....	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICES.....	40

1. INTRODUÇÃO

A partir das minhas experiências¹, enquanto auxiliar de sala na Escola Brasilino Lima e logo depois como professora na educação infantil da Escola Creche Gênese, pude observar o racismo de um outro ângulo, desta vez como professora em formação do 1º Semestre do Curso de Pedagogia da Unilab-Ce. Trago neste trabalho essa nova visão do racismo presente na escola, principalmente no âmbito escolar infantil, visto que a partir dessas vivências cotidianamente há casos de preconceito racial produzidos por alunos (as) em sala de aula e também por professoras (es). Ademais, é notório que pouco se é trabalhado ou falado em sala com as crianças sobre as relações étnico raciais e a sua importância para a afirmação da identidade de cada aluno (a) presente naquele meio.

Quando abordamos temas sobre a história e cultura afro-brasileira, me parece que é trabalhado somente para dizer que a escola está cumprindo a Lei 10.639/03 com atividades propostas pela direção sem muito diálogo com os (as) professoras (es). Um exemplo, ler para a turma uma literatura infantil, me refiro ao livro ²“Menina Bonita do Laço de Fita” e/ou caracterizar, sobretudo as meninas com roupas e turbantes característicos da cultura afro-brasileira, para tirar fotos e postar no Instagram da escola.

Desse modo, a presente pesquisa tem como objetivo geral compreender como a prática das narrativas sobre o “lápiz cor de pele” em algumas escolas de Maracanaú-Ce, podem ser uma atitude racista e discriminatória na Educação Infantil. Observar o processo de desconstrução da categoria dada ao lápis de cor bege como sendo o “lápiz cor de pele”, que na maioria das vezes diante do que presencie em sala, alguns professores (as) não debatem sobre os tons de pele e os lápis que pode representar de fato a cor real das crianças negras. A partir da minha experiência como docente na Educação Infantil, infelizmente percebo fortemente que os (as) colegas professores (as) continuam legitimando a narrativa de que apenas o lápis bege é o “lápiz cor de pele”, narrativa essa racista e discriminatória.

Desejei realizar esta pesquisa na educação infantil, pois percebia a importância de debater e investigar esse tema desde o início da trajetória escolar da criança, pensar sobre a desconstrução do racismo que se perpetua na sociedade em que vivemos até hoje e a deslegitimação das narrativas sobre o “lápiz cor de pele” para que assim possamos

¹ Em 2021, ano em que eu cursava o 1º. semestre de Pedagogia.

² Um livro que tem recebido críticas por retratar de forma fantasiosa a história de uma menina negra.

formar estudantes que não carregam marcas causadas pelo racismo e que aprenderam a respeitar todos sem discriminar pelo tom de sua pele.

Assim, trago como objetivos específico, analisar como as crianças negras e não negras reagem a narrativa “do lápis cor da pele”; desenvolver atividades pedagógicas que contribua para a autoafirmação da identidade da criança negra; entender como as crianças reproduzem esse racismo dentro do ambiente escolar em que estão inseridas, partindo da análise bibliográfica com autores que dialogam com esse tema, da observação participante realizada em sala durante o ano letivo e da atividade pedagógica desenvolvida e aplicada em sala de aula com as crianças da turma do infantil 5.

Esta pesquisa em seu percurso teórico/metodológico conta com diversos autores (as) que pesquisam sobre o racismo no âmbito escolar e também sobre a importância de uma educação para as relações étnico-raciais. Como público alvo a pesquisa contará com a participação de crianças entre 5 a 6 anos que fazem parte da turma em que leciono. A coleta dos dados será obtida através de atividades pedagógicas realizadas com as crianças participantes da pesquisa em sala de aula.

Estruturalmente o trabalho está dividido da seguinte forma: Introdução, Desenvolvimento da pesquisa contando com três capítulos, Metodologia da pesquisa na qual traz especificamente as análises dos resultados de aplicação da pesquisa, Considerações finais, Referências e os Apêndices com as imagens dos auto retratos feito pelos participantes da pesquisa.

Na qual o primeiro capítulo discorre sobre: a trajetória de vida da pesquisadora como profissional da educação e o racismo presente na instituição escolar especificamente na educação infantil, o segundo discorre acerca das narrativas sobre o lápis “cor de pele” e o terceiro reflete sobre a possibilidade de construção de uma educação antirracista com um currículo afrocentrado, pensando também na formação de professores preparados para a aplicação de um currículo afrocentrado diferente do tradicional.

2. UMA EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NA ESCOLA

Sabemos que o racismo adentra a sociedade brasileira com a chegada dos Portugueses, que trouxeram com eles africanos escravizados para trabalharem em condições sub-humanas em nossas terras, assim como também fizeram com os povos indígenas que já habitavam o Brasil na época. A partir da chegada desse povo o processo de escravidão no país inicia-se e o racismo instala-se em nossa sociedade enfatizando a ideia de que o branco é superior ao negro, impossibilitando aos mesmos acessos a educação de qualidade, trabalhos e cargos políticos para que somente o branco continue a “destacar-se”.

Renato Nogueira (2019) nos diz que:

A república brasileira fez de tudo para expulsar a população negra, desde a propagação dos mitos mais estapafúrdios para justificar imigração branca, como o de que europeus brancos eram mais trabalhadores e mais eficientes do que os negros, até os meios mais cruéis para tornar a grande massa populacional negra invisível. (p.07)

A narrativa do *Mito da Democracia Racial* na sociedade brasileira, nos diz que a relação existente entre o Português (branco) e o Escravizado (negro) é de cordialidade ou seja este mito nos passa a ideia de que não havia escravidão, na qual os colonizadores e os escravos viviam uma relação cordial, o autor Gilberto Freyre (1999) em sua obra “*Casa Grande e Senzala*” nos traz a ideia desse mito para afirmar que o problema das questões raciais não existiam no Brasil. No entanto podemos observar a inveracidade deste mito a partir das desigualdades existentes na sociedade até hoje, onde o branco ainda se sente superior ao negro.

Segundo Domingues (1889):

As ideologias são imagens invertidas do mundo real e as relações sociais de dominação as produzem para ocultar os mecanismos de opressão. Assim, o mito da democracia racial era uma distorção do padrão das relações raciais no Brasil, construído ideologicamente por uma elite considerada branca, intencional ou involuntariamente, para maquiagem a opressiva realidade de desigualdade entre negros e brancos. (p. 118).

Essa narrativa foi pensada pela elite da época e legitimada por escritores brancos para que os mesmos continuassem a oprimir e maquiagem o racismo no país e também para confundir a cabeça dos negros, fazendo-os a pensar e acreditar sobre uma falsa igualdade racial existente na sociedade.

Ao longo da minha vida, o racismo me atravessou fortemente. Quando comecei a trabalhar na educação infantil, o currículo afrocentrado que a Unilab me possibilitou viver, me fez identificar com clareza os casos de racismo que cotidianamente em sala aconteciam, na qual a professora titular da turma ignorava. A narrativa sobre o “lápiz cor de pele” me intrigava bastante e passei a refletir levantando os seguintes questionamentos: O racismo também é presente na educação infantil? Como as crianças ainda reproduzem a narrativa racista sobre o tom de pele ser o que o aproxima da cor branca? Porque as relações étnico raciais não são de fato trabalhadas e exploradas na educação infantil mesmo com a criação da Lei 10.639/03? Porque a professora não explica às crianças a variedade de tons de pele que existe em nossa sociedade e pode ser representada por outros lápis de cor?

Então a partir dessas inquietações sobre a prática docente e a não aplicabilidade de fato da Lei 10.639/03 que permite com que as crianças possam ter contato com a cultura africana e indígena em sala na educação infantil para assim compreenderem as relações étnicos raciais que as cercam meio, acredito ser pertinente a realização desta pesquisa, pois enquanto professora e formadora de pessoas/crianças pensantes vejo a necessidade de se desconstruir as narrativas racistas que perpetuam-se e discriminam os negros brasileiros.

Para construir os argumentos teóricos desta pesquisa dialogarei com autores (as) como, Gilberto Freyre (1999) e Petrônio Domingues (1889) que nos fazem refletir acerca da ideia do mito da democracia racial; Anete Abramowicz, Eliane Cavalleiro (2012) nos levará a refletir sobre a possibilidade de tornar a escola um espaço igualitário para uma convivência positiva entre todos(as), Grada Kilomba (2019) nos permitirá mergulhar em vivências e nos traumas causados por episódios de racismo vividos cotidianamente pelos negros dentro e fora do ambiente escolar; Kabengele Munanga (2015) nos fará refletir sobre a importância de uma educação multicultural com ênfase a toda diversidade cultural que há no Brasil.

2.2 Trajetória de Vida: As Vivências no Cotidiano Escolar

Ao refletir sobre a educação a partir da minha trajetória de vida, fazendo um comparativo entre a minha formação inicial nas séries iniciais até hoje, eu recordei de um episódio quando estava cursando a alfabetização e que paralisou meu processo de aprendizagem, o bullying foi algo muito forte na minha trajetória escolar por ser gorda e

o racismo sempre esteve junto a ele, não relacionado diretamente a mim mas a professora negra que tínhamos, pois os mesmo colegas que me insultava pejorativamente, insultou também a professora com frases como: “Lugar de negro é na senzala”, até que a mesma pediu demissão antes do ano letivo encerrar, pois não houve posicionamento da direção da escola contra esses alunos.

Compreendo que atualmente houve mudanças na educação, mas precisamos de mais ações concretas para a efetivação da Lei 10.639/03 que torna obrigatório o Ensino da História e Cultura Africana nas escolas tem proporcionar um avanço e melhoria na qualidade dos conteúdos, com essa obrigatoriedade nós enquanto professores (as) em atuação e em formação precisamos fazer valer a Lei e trazê-la para a sala, ensinando as crianças a importância de sua valorização pois faz parte da história do nosso povo e de quem somos.

A Lei 10.639/03 foi alterada em 2008 para Lei 11.645/08, ela permaneceu obrigatória nas instituições de ensino públicas e particulares. Ela foi alterada pensando na importância dos estudantes conhecerem e adquirirem conhecimentos sobre a cultura africana e indígena que faz parte da construção social e histórica do povo brasileiro, que foi deslegitimada e apagada dos livros didáticos na qual enfatiza apenas a história dos colonizadores europeus, visto que é de suma importância as relações étnicas raciais serem trabalhadas e debatidas em sala de aula, para que o racismo, as desigualdades e as discriminações não se perpetuem na sociedade.

Hoje como professora que está tentando desconstruir as narrativas sobre o “Lápis cor de pele”, na qual percebo nesses 4 anos na área da educação infantil algo ainda muito forte e que poucos profissionais comentam, mas me questionaram perguntando: Porque você se importa tanto com isso Isabel, você nem é negra? Eu respondo:

Eu me importo porque eu vi alunos tristes porque um colega lhe entregou um lápis bege dizendo ser a cor de sua pele. Eu me importo porque a minha família materna é negra e eu não quero que meus primos passem por isso, eu me importo porque as crianças precisam aprender sobre as diferenças para respeitarem uns aos outros e se eu enquanto professora não corrigir esse erro quem irá? (Fala da Isabel)

Daí a importância do currículo afrocentrado nos permite ver além de tudo que foi depositado em nossa mente pelos livros didáticos que não englobam todos os conteúdos necessários e que nos mostram muito pouco sobre a cultura indígena e africana invisibilizando o legado desses povos na construção social e histórica do nosso país. É de

suma importância pensarmos na formação de novos professores(as), a partir desta formação apresentar um currículo afrocentrado aos mesmos, pois o que vivemos na Unilab é o diferencial que este currículo nos possibilita levar para a sala.

Ao decidir vir para a Unilab até o dia da matrícula eu não sabia de fato que a Universidade era internacional, não pesquisei sobre a Unilab, porém quando estava a caminho cheguei a ouvir certos comentários de pessoas que já conheciam esse projeto e diziam: “É lá onde aqueles negões estuda”, “Cuidado com eles viu Isabel” “Africano é violento, cuidado”, ignorei e não deixei que esse preconceito atrapalhasse o meu sonho de adentrar a universidade. Logo quando as aulas iniciaram, aos poucos fui me enturmando fiz muitas amizades com os (as) estudantes internacionais³ e isso começou a incomodar minha colega de casa, até soubemos que no prédio em que morávamos também havia internacionais, por coincidência eram meus colegas de turma, então um dia estávamos com a porta aberta conversando na varanda e passaram por nós dois colegas internacionais que ela não conhecia ainda.

Pararam para nos cumprimentar e começamos a conversar, conversamos por horas até que um deles perguntou se não tínhamos nada a oferecer a ele para comer, ofereci a bolacha de tínhamos e mandei ele entrar para pegar o pote em cima da geladeira, de imediato essa colega pareceu incomodada com ele dentro de casa, depois de comer os colegas foram embora, entramos e ela comentou comigo que não tinha gostado da liberdade que dei para o colega internacional entrar em nossa casa.

O curso de BHU permitiu que eu me encontrasse. Minha mente saiu da caixinha que ela vivia e pude conhecer a fundo tantas culturas, este currículo afrocentrado oferecido pela Unilab nos possibilita mudarmos a nossa visão sobre o currículo eurocêntrico que está enraizado na sociedade brasileira até hoje, a partir disso tive a certeza em querer fazer diferente e poder trabalhar as relações étnicas raciais e a diversidade cultural do Brasil em sala, por isso escolhi o curso de Pedagogia pois havia em mim a certeza em querer trabalhar com as crianças possibilitando às mesmas um currículo rico de aprendizados que jamais serão esquecidos.

Ao pensar em uma formação de professores (as) antirracistas, é importante pensar em conteúdos sobre os povos africanos e sua cultura para que os mesmos (as) reflitam sobre a importância da desconstrução de algo que para muitos é irrelevante ou simples afinal é um lápis de cor, mas é um lápis que causa traumas e dores em uma criança que compreende que sua cor de pele não condiz com a do lápis e a partir disto então trabalhar

³ Como chamamos os (as) estudantes africanos (as).

a identidade da criança, como a mesma se reconhece, sua árvore genealógica e como ela compreende e percebe as diferenças ao seu redor.

2.3 O Racismo Presente na Escola

O racismo é presente no âmbito escolar tanto quanto em nossa sociedade, anos atrás o acesso do povo negro a educação era algo distante para os mesmos, por mais que a vontade de estudar existisse este ensino lhes era negado, pois a educação era de exclusivo acesso dos brancos. Foi então a partir dos movimentos e da busca pelo acesso ao que o racismo os negava, que os negros necessitaram lutar não somente pela sua liberdade, mas também pelo acesso a educação, ao trabalho digno, a sociedade e a igualdade das oportunidades que até hoje ainda se constitui em movimentos de luta, pois mesmo com os avanços no acesso dos mesmos as desigualdades ainda estão presentes. Na escola presenciamos o racismo cotidianamente, muitas das vezes ou quase sempre ignorado pelos (as) professores (as) e pela gestão da escola. Na educação infantil pouco ou quase nada se é trabalhado a respeito das relações étnicas raciais, geralmente quando chega o mês de novembro que se pensa sobre o que trabalhar na semana da consciência negra, pois a data de 20 de novembro tem que ser trabalhada nem que apenas para poste no Instagram da escola.

A criação da Lei 10.639/03 foi pensada justamente para que a cultura e história dos povos africanos e indígena fossem estudadas, mas dentro da educação infantil vejo que a Lei tem sido ignorada na sua aplicabilidade, percebo que ela tem sido até pensada no ensino fundamental, no entanto o racismo presente na escola encontra-se em todos os níveis de educação desde a educação infantil até o ensino médio, porém as crianças pequenas tendem com mais facilidade reproduzirem atitudes e jeitos que presenciam em casa.

Grada Kilomba (2019) refletindo sobre o racismo institucional nos diz que:

Como o termo “instituição” implica, o racismo institucional enfatiza que o racismo não é apenas um fenômeno ideológico, mas também institucionalizado. O termo se refere a um padrão de tratamento desigual nas operações cotidianas tais como em sistemas e agendas educativas, mercados de trabalho, justiça criminal, etc. O racismo institucional opera de tal forma que coloca os *sujeitos brancos* em clara vantagem em relação a outros grupos racializados. (p. 77-78)

A referida autora nos leva a refletir sobre a compreensão do que é e como o racismo institucional possibilita a entrada das desigualdades raciais nas instituições educacionais, ligando também o mesmo ao racismo cotidiano que se manifesta a partir dos gestos, falas e ações usando o negro para projetar neles o que a sociedade branca tornou tabu.

Ao entendermos a importância e a necessidade em abordarmos na escola as relações étnico raciais na educação básica especificamente na educação infantil, o racismo cotidiano pode ser diminuído, pois as crianças precisam compreender que suas atitudes, falas e gestos discriminam e entristecem seus colegas, que respeitar as diferenças existente entre todos é essencial para não fazer o outro sentir-se inferior, triste e não amado.

Kabengele Munanga no livro “Superando o Racismo na Escola” (2005) objetiva combater o racismo, a exclusão social, racial e étnica, pensando a partir dessas consequências do racismo na elaboração de políticas públicas que trabalhem as temáticas racista dentro da instituição de ensino especificamente na educação básica desconstruindo o preconceito e a discriminação racial.

Munanga nos diz que:

Alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional. Essa falta de preparo, que devemos considerar como reflexo do nosso mito de democracia racial, compromete, sem dúvida, o objetivo fundamental da nossa missão no processo de formação dos futuros cidadãos responsáveis de amanhã. (p. 15)

Portanto entende-se que a educação básica precisa passar por um processo de transformação a partir da formação de professores que estejam de fato preparados e aptos a lidarem e discutirem a diversidade étnica e cultural que há em nossa sociedade, trazendo para a sala de aula a compreensão e discussão das diversidades sem discriminá-las. Penso que a Lei 10.639/03 é um suporte importante e necessário para essa mudança, pois os materiais didáticos apresentados aos estudantes são elaborados dentro da perspectiva do currículo eurocêntrico, enfatizando cotidianamente tudo que vem do branco como o importante e inviabilizando o que é diferente. Por isso o racismo está ainda fortemente presente nas instituições de ensino e desde a educação infantil sendo negligenciado, negado, invisibilizado e visto como uma brincadeira de mal gosto ou nada demais, no entanto enquanto pesquisadora e professora é notório que muitos professores (as) não

preocupam-se em desconstruir o preconceito e a discriminação, seguem suas aulas como se o racismo presente em sala de aula não importasse, sendo assim as crianças acabam crescendo com a mesma visão preconceituosa e discriminatória sobre os negros.

3. A ESCOLA E AS NARRATIVAS SOBRE O “LÁPIS COR DE PELE”

Estou atuando como profissional da educação na educação infantil a cerca de 4 anos e desde a primeira escola que trabalhei começaram minhas inquietações acerca do racismo linha de pesquisa essa que também me perpassou no Bacharelado em Humanidades, mas que ao adentrar a sala de aula como auxiliar e logo depois professora me levou a pensar sobre a questão racial na educação infantil visto que situações cotidianas me fizeram refletir. A partir das experiências que a sala de aula me proporcionou, passei a observar comportamentos de alunos e professores na qual chegaram a orientar as crianças a realizarem uma atividade de pintura com o lápis de cor laranja bem de leve para se assemelhar ao tom do lápis cor bege que seria o “lápis cor de pele”. Observei que as narrativas sobre a existência de apenas um tom da pele representado pelo lápis de cor são até hoje ignoradas e negligenciadas por alguns professores (as), as crianças trazem consigo a reprodução desta narrativa a partir do que vivenciam em seus lares. Se nós enquanto professores não formos capazes de desconstruir o preconceito racial reproduzido a partir destas narrativas sobre um “lápis cor de pele” quem irá?

Por isso essas narrativas precisam ser deslegitimadas, pois quando a criança compreender que não existe apenas um tom de pele único a ser representado pelos lápis de cor, a mesma entenderá que não se deve inferiorizar e discriminar o colega, visto que o professor (a) é como espelho para cada criança que ensina o mesmo deve orientá-los corretamente, assim a turma irá saber o quão importante é respeitar, amar e acolher a todos independente do que os difere.

Enquanto auxiliar de sala presenciei inúmeras vezes a professora evitando falar com seus alunos sobre os tons de pele, a mesma nunca corrigia quando um aluno falava “Quero o lápis cor de pele”, era como se para ela tanto faz, pois, a criança só não podia pintar de azul a pele do desenho, pois se pintasse ela se alterava dizendo que não existia este tom de pele, mas se os alunos procurassem o lápis bege como a cor de pele, para ela tudo bem. Até que essa situação me incomodou bastante e eu resolvi intervir já que a professora não se posicionava, alguns alunos estavam usando o lápis de cor laranja

pintando de leve a pele do desenho e eu os questioneei: Porque vocês estão pintando a pele do desenho de laranja? E os mesmos responderam: “Não é laranja, é cor de pele”. A professora notou meu estranhamento e tentou explicar falando o seguinte: “É porque a outra auxiliar que tinha em sala antes de você chegar ensinou a eles pintar o laranja bem clarinho para ficar cor de pele quando não houver o lápis bege para todos”

Quando as crianças terminaram a pintura, recolhi os potes com os lápis de cor, separei os variados tons de pele que haviam disponíveis, expliquei à turma que existem variados tons de lápis de cor que podemos representar nossos tons de pele, fui comparando começando por mim qual lápis se assemelhava a minha pele e da mesma forma fiz com todos os alunos, inclusive também com a professora até que os mesmos identificassem qual lápis de cor mais se aproximava do seu tom de pele.

Eliane Cavalleiro sobre o racismo na educação infantil nos diz que:

A prevenção de práticas discriminatórias, penso, requer um trabalho sistemático de reconhecimento precoce da diversidade étnica e dos possíveis problemas que o preconceito e a discriminação acarretam em solo brasileiro, desde a educação infantil, familiar e escolar. (p. 38)

Desse modo, compreendemos a importância de se trabalhar a Lei 10.639/03 na educação infantil, pois a mesma irá permitir que as crianças conheçam as problemáticas que o racismo causa na sociedade e também adquira o conhecimento sobre as relações étnicas, a cultura africana e afro-brasileira que constitui a sociedade brasileira.

De acordo com a mesma autora,

Tal prática pode agir preventivamente no sentido de evitar que pensamentos preconceituosos sejam interiorizados e cristalizados pelas crianças, num período em que elas se encontram muito sensíveis às influências externas, cujas marcas podem determinar sérias consequências para a vida adulta. (p.38)

Por isso é necessário que o professor(a) esteja preparado para prevenir e intervir quando deparar-se com essas práticas discriminatórias e ser para as crianças um exemplo que a influencie a ter respeito e empatia para com o próximo, não o discriminando e inferiorizando pelas diferenças, já que todos somos diferentes e ninguém é igual.

A escola Creche Gênesis situa-se no Bairro Alto da Mangueira, Rua João T. de Araújo, 443, região periférica de Maracanú-Ce. A escola tem matriculados atualmente 53 alunos com idades entre 1 ano e 5 meses a 6 anos, divididos em quatro turmas pela idade, a escola conta com três professoras mulheres brancas, uma merendeira parda e uma coordenadora branca, não há homens em seu quadro de funcionários. Esta escola é

fruto de uma Ong na qual pensou na necessidade de poder proporcionar uma educação de qualidade às crianças que diariamente estavam pelas ruas de seu bairro sem acompanhamento escolar, sujeitas a marginalização presente em sua região.

Realizei a pesquisa na escola em que atuo como professora na turma de infantil 5, na qual tenho 17 alunos entre brancos e negros com idades entre 5 a 6 anos, antes da realização da atividade a qual foi pensada para a coleta de dados da pesquisa, observei os alunos diariamente durante o ano letivo antes de realizar a pesquisa. Quando havia atividades de pintura, redobrava a minha atenção para poder identificar como seriam as pinturas referente aos tons de pele de cada aluno, sempre deixei eles livres para fazerem suas pinturas.

Até que um dia em sala, durante uma atividade de pintura ocorreu que um aluno negro pediu ao seu colega branco um “lápiz cor de pele” emprestado, prontamente o colega entregou ao mesmo um lápis de cor bege representando uma cor de pele clara, a criança negra estranhou a cor do lápis e pediu para trocar por outra cor, percebi que a criança negra ficou cabisbaixa então a chamei para conversar e perguntei como a mesma se sentia, ela respondeu: “Tia aquele lápis não é da cor do meu braço”

A partir do ocorrido conversei com a turma explicando sobre como todos nós somos diferentes não apenas pelo tom de pele, mas sempre haverá algo que nos difere seja o tom da nossa pele, seja um óculo ou a roupa que usamos, mas que mesmo diferentes merecemos respeito, empatia e carinho iguais, não podendo excluir ou diminuir o outro pelo que for diferente, desse modo é possível o preconceito racial começar a ser desconstruído e as relações étnico raciais trabalhadas em sala.

4. UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: CAMINHOS PARA UM CURRÍCULO AFROCENTRADO

Pensar em uma educação antirracista na educação infantil é fundamental para que possa ser o ponta pé inicial para esse modelo de educação pois compreendendo que é na infância que a personalidade de cada criança é formada, seja ela respeitosa ou não, as crianças tendem a reproduzir comportamentos e ações de quem as mesmas admiram. Por isso é possível se pensar e propor caminhos para a criação e aplicação de um currículo afrocentrado que irá contemplar todas as culturas e inserir os estudantes nelas, visto que a nossa atual educação segue dando ênfase a educação eurocêntrica e valorizando mais

o que vem do branco europeu, inclusive como se é contado sobre a história do descobrimento do país para os mesmos.

Ao valorizarmos a nossa própria cultura compreenderemos a beleza que há em cada cultura que faz parte da constituição histórica do Brasil, é necessário que as crianças aprendam a valorizar suas origens para que as desigualdades existentes a partir do racismo sejam desestruturadas e as crianças identifiquem sua identidade reconhecendo-se pelo que são e o que veem, não permitindo que o preconceito racial as atinjam, causando traumas, complexo de inferioridade e de incapacidade a alcançarem o que desejam e sonham realizar no futuro que idealizam para si mesmo.

Acerca do conceito sobre infância Renato Nogueira (2019) nos diz que:

Se o conceito faz a infância funcionar como uma condição de experiência vivente, algo que está para além das fases biopsíquicas (noção) e que não pode ser visto apenas como uma construção social e histórica (categoria analítica), podemos usá-lo, numa equação complexa, como uma tática para enfrentar o racismo que organiza estruturalmente o nosso mundo. Eis nossa hipótese: a força mais poderosa contra o racismo permanece sendo a infância. (p. 06)

Visto que é na infância que a desconstrução do racismo pode e deve ser tratada, pois através da construção da identidade da criança a mesma se tornará um ser pensante, se servimos de exemplo a ser seguido e trazendo para a sala de aula tudo sobre a cultura africana, afro-brasileira, sobre os povos originários do nosso país, as crianças cresceram com os olhos abertos para as desigualdades existentes em nossa sociedade.

Elizabeth Larkin afirma que:

Paralelamente a identidade ganha mais e mais destaque como categoria de análise nas ciências sociais, caracterizando-se uma interface entre a sociologia, psicologia e filosofia, com abordagens interdependentes da questão da identidade como constituição do sujeito como indivíduo inserto no contexto social. (p. 29)

Consequentemente as crianças saberão como agir, reagir e intervir diante das situações raciais que se perpetuam cotidianamente, segundo o referido autor devemos buscar em cada projeto de educação a infância pois a partir delas aumentamos as possibilidades de irmos ao confronto das desigualdades raciais que permeiam a nossa sociedade.

De acordo com Elizabeth Larkin (2003, p. 23) o racismo no Brasil tende a tornar o negro/afrodescendente invisível a história e cultura brasileira, a mesma nos leva a

refletir sobre essa invisibilidade, “Se a figura do afrodescendente ficou alijada dos livros e dos currículos escolares, tal fato resulta desse processo de apagar a sua imagem como ator do palco mundo e da sociedade brasileira, outro feito do sortilégio da cor”.

Portanto a construção de um currículo afrocentrado traz para a educação a visibilidade da negritude presente em nossa construção histórica e social, na qual o sujeito branco tem roubado por anos o espaço do negro na verdadeira história do Brasil, por isso apenas vemos falar sobre o descobrimento do Brasil a partir da versão dos portugueses que detinham o poder e assim trouxeram a sua educação para o país.

Penso que o primeiro caminho para a implementação desse currículo afrocentrado na educação brasileira seria a aplicabilidade da Lei 10.636/03 em todas as áreas de ensino desde a educação infantil ao ensino médio, pois compreendemos que a lei existe porém a falhas na aplicabilidade da mesma e por isso acredito que se houver por parte do Ministério de Educação um plano continuado para essa aplicação talvez as escolas estariam mais atentas e mais respeitosas em relação a uma Lei que já completou 21 anos em 2024.

Como um segundo caminho a revisão dos livros de história incluindo assim o negro como o autor e o criador da história como nos diz Elizabeth Larkin não a supremacia e hegemonia branca como a autora, a desconstrução da história fictícia e o escancaramento da história oficial e real na qual o negro deve ocupar o lugar de senhor e não o de escravo. É necessário que para a revisão dos livros de história e geografia aconteça esteja entre seus desenvolvedores e criadores negros permitindo aos mesmos o acesso a contarem a história sobre a origem e o “descobrimento” do Brasil a partir da realidade que existia e vivenciaram antes da invasão do branco/europeu e depois.

Pensando a partir da leitura da tese de doutorado da Profa. Dra. Rebeca Meijer na qual a mesma faz reflexões acerca da cosmovisão africana na escola, trazendo pedagogicamente uma proposta de didática para a Pretagogia em que a mesma organiza os conhecimentos a serem trabalhados através de articulação própria do professor, ou seja, livre do currículo tradicional, didática essa que possibilita a participação colaborativa e comunitária de todos os indivíduos em suas ações, privilegiando assim os conhecimentos ancestrais que quase não são abordados em sala.

Foi elaborada oficinas interventivas durante a realização da pesquisa desta tese, na qual para além do público alvo que eram os professores(as) e os profissionais que atuam na escola, os alunos também foram de encontro a esses conhecimentos, a partir

das formações que foram realizadas com os professores piauienses visto que os mesmos aplicaram os conteúdos abordados em sala de aula.

Meijer (2012) afirma que:

Se a didática considera que ser professor requer a apropriação de saberes especializados (PIMENTA, 1999; SHULMAN, 1996; SAVIANI, 1996; GAUTHIER, 1998; TRARDIF; LESSARD; LAHAYE, 1991), há uma didática para a pret@gogia, porque defende que o professor deve apropriar-se de saberes apropriados para o ensino da História e da Cultura africana e afrodescendente e para a Educação das Relações Étnico-raciais. (p. 179)

Para apropriar-se dos saberes específicos para o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira, os professores (as) participaram das atividades realizadas através dos Planos de Ações Interventivas. De todos os temas trabalhados na produção das oficinas o tema: “Sobre a Ancestralidade e os Mitos Africanos” chamou-me mais a atenção.

Pois este plano tinha como proposta a dramatização de mitos que foram contados em sala neste eixo, na qual a narração da história do livro “Menina Bonita do Laço de Fita” me fez recordar que enquanto auxiliar de sala na educação infantil, houve em uma turma do infantil III a contação dessa história na semana do dia 20 de novembro em que se é comemorado o Dia da Consciência Negra.

Na qual a direção entregou à professora o referido livro para a realização da atividade de contação de história em alusão ao dia 20 de novembro, em seguida a professora fez um círculo com as crianças sentados ao chão, abriu o livro e leu a história mostrando as imagens aos seus alunos, fiquei alguns minutos observando da porta da sala como a professora iria conscientizar as crianças a respeito desta história e se haveria este momento de conscientização e valorização da identidade negra como a história enfatiza, porém após a leitura não houve um diálogo acerca destes conhecimentos e as crianças não se interessaram pela história, a maioria ficou dispersa.

Nesse sentido, refletindo sobre a importância de trazer as crianças para dentro da história e como as próprias produtoras desses conhecimentos, assim como foi realizado no plano de ação interventiva na qual houve o convite aos alunos (as) a participarem da dramatização da história narrada, possibilidade essa gerada pela didática da Pretagogia que sustentada pelos valores da cosmovisão africana permitem que os alunos possam mergulhar nos conhecimentos acerca da ancestralidade, religiosidade, tradição oral e assim produzirem através de seus corpos os saberes sobre a história e cultura africana e afro-brasileira em sala.

Ainda refletindo sobre a Pretagogia Geranilde Silva (2013) em sua tese nos diz que:

Na perspectiva da Pretagogia, falar de aprendizagem é falar de um corpo integrado, ou seja, de um corpo inteiro que pensa e sente. Daí o entendimento de que a aprendizagem envolve vivências corporais, o recordar experiências, envolvendo pessoas negras ou a negritude, visitas a alguns espaços-recursos e ainda rodas de conversa com pessoas e grupos detentores de saberes relevantes para os temas estudados. Significa dizer que a produção de saberes efetiva-se por meio do corpo (não existindo a ideia de corpo e mente, só corpo), que integra emoção, razão, ludicidade, sensação, intuição e sentimento. Nesse sentido, durante esse curso, os corpos foram convidados a distanciar-se das cadeiras e dos calçados, de modo que os cursistas e coordenação tiveram o chão como assento do corpo, sentindo-o e tocando-o, e sendo tocado por este. Essa postura também favoreceu com que os nossos corpos tivessem mais próximos e tocassem se com frequência, o que resultou em constantes expressões de carinho mútuo entre todos e todas (p. 72).

Portanto, trago a possibilidade da Pretagogia como mais um caminho a seguir na construção do currículo afrocentrado na qual permitirá que as crianças para além de ouvirem sobre as histórias de literaturas africanas possam a partir de seus corpos interpretá-las ou reinterpretá-las produzindo os seus próprios saberes, gerados a partir dos conhecimentos trabalhados para além do currículo tradicional da educação brasileira valorizando assim o importante papel do negro na sociedade e história dos brasileiros.

4.1 Formação de Professores(as)

Entendemos que a formação de professores é de suma importância para a formação dos alunos, pois um professor bem preparado e articulado gera alunos iguais a ele, por isso refletindo acerca das formações de professores, Nilma Lino Gomes (2003) nos diz que:

A formação de professores/as tem sido uma preocupação constante do campo da educação. O MEC, a universidade, os centros de formação de professores, as escolas, enfim, todos se preocupam e concordam que é preciso hoje formá-los mais adequadamente tanto em seu percurso inicial quanto em serviço. Mas apenas investir numa melhor formação não é o suficiente. (p. 169)

Refletindo sobre a formação de professores lembrei das formações propostas pela prefeitura de Maracanaú que participei, essas formações eram realizadas bimestralmente e as temáticas abordadas na maioria das vezes eram somente sobre a criança, seus comportamentos, as deficiências, como devemos tratá-las e acolhê-las, em nenhum momento deparei-me com uma formação relacionada às relações étnicos raciais, ao

bullying, ao preconceito racial que sabemos estar presente no âmbito da educação infantil também.

A referida autora Nilma Lino (2003) nos diz que a uma preocupação do Mec quanto essas formações, porém acredito ser para além de preocupação e sim ações pois ao trazer o que não está sendo trabalhado em sala as possibilidades de mudança do presente cenário tornam-se cada vez mais real, levar para essa formações profissionais, escritores que trabalhem as temáticas que estão em falta ou sendo negligenciadas, proporcionar a esses profissionais ideias de atividades lúdicas, oficinas que trabalhem a identidade, cultura e história dos povos negros é de suma importância para a deslegitimação de narrativas racistas e das desigualdades.

Nilma Lino (2003) afirma que:

“Um dos primeiros caminhos a serem trilhados nessa direção poderá ser o da inserção, nos cursos de formação de professores e nos processos de formação em serviço, de disciplinas, debates e discussões que privilegiam a relação entre cultura e educação, numa perspectiva antropológica.” (p. 169)

Desse modo é preciso que também haja durante a formação de professores (as) na universidade ou fora dela um currículo que os insira em cursos ou em disciplinas que trabalhem as questões raciais e possam assim promover entre esses professores (as) debates que potencializam os conhecimentos acerca da cultura e educação afro-brasileira.

Nilma Lino (2017) refletindo sobre o movimento negro educador diz que, “o Movimento Negro tem um importante papel educador por produzir saberes emancipatórios e também por sistematizar conhecimentos concernentes à questão racial no Brasil.” (p. 16)

Portanto como agentes também produtores (as) de saberes o movimento negro tem importantes contribuições para a formação de professores, possibilitando a construção e sistematização de conhecimentos acerca das questões raciais no país, pois os movimentos sociais fazem parte da nossa formação educacional produzindo os conhecimentos que os grupos hegemônicos e contra hegemônicos constroem. Foi então a partir do movimento negro que o seu povo alcançou alguns feitos como o racismo tornar-se crime inafiançável na Constituição Federal, a alteração na LDB que inclui o ensino da cultura e história africana e afro-brasileira, este movimento é o responsável por conquistar para seu povo políticas afirmativas e lutar para que conquistem tudo que lhes foi roubado pela supremacia branca da sociedade brasileira.

Petronilha Beatriz nos leva a compreender que o racismo e as discriminações no âmbito escolar são silenciadas pelos professores e gestão na qual:

“O “silenciamento” é uma das ações, atitudes e estratégias adotadas pela escola brasileira para o enfrentamento do racismo. Dessa forma, de um lado professores não costumam intervir diante de conflitos que agridem crianças negras, em virtude de sua raça/cor, de outro, recomendam aos alunos negros, quando hostilizados por sua cor/raça, que ignorem, finjam que a agressão não é dirigida a eles. (p. 07)

É importante que nas formações de professores seja priorizado um currículo antirracista e/ou afrocentrado, na qual os professores não silenciem e não negligenciem as atitudes racistas presentes em sala de aula. Para que esse mesmo educador (a) tenha uma formação crítica e se posicione diante do racismo presente no cotidiano da sala de aula.

Desse modo, a formação de professores precisa ser assumida como uma tarefa coletiva de todas e todos os profissionais inseridas (os) na escola, que vai desde o vigia, a merendeira, a coordenação, os (as) professores (as), os alunos (as) e as famílias, todas e todos comprometidos com a construção e a aplicação de uma educação antirracista.

5. METODOLOGIA DA PESQUISA

5.1 Natureza da Pesquisa

Para a realização desta pesquisa a metodologia é importante, pois aliada às técnicas que utilizaremos irá permitir a análise dos comportamentos e vivências racistas que há dentro do ambiente escolar, uma vez que esses dados empíricos sozinhos não explicam os acontecimentos da sociedade atualmente, portanto, o método que trabalharemos será o qualitativo a fim de compreender melhor a problemática das questões raciais em algumas escolas de Maracanaú-Ce.

No entanto, para Maria Cecília Minayo (2002) o método de pesquisa qualitativo possibilita um aprofundamento nos significados das ações e das relações humanas dentro e fora do lar, tornando assim possível uma maior compreensão da realidade presente em algumas escolas de Maracanaú-Ce.

Segundo a autora a pesquisa qualitativa busca trabalhar:

[...] Com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2002, p. 21-22).

Portanto a escolha deste método é a que mais se enquadra na realização da presente pesquisa, visto que é de extrema importância podermos nos aprofundar nas diversas relações humanas encontradas no ambiente escolar e assim podermos de fato entender a manifestação do racismo no meio em que as nossas crianças e nossos professores estão inseridos.

5.2 Tipo de Pesquisa

Utilizarei o método de abordagem qualitativa, na qual acredito que possui maior êxito na realização desta pesquisa, com base no que esperamos alcançar e proporcionar com a mesma no âmbito escolar da educação infantil, na qual também esperamos obtermos as respostas para os questionamentos levantados. A escolha deste método foi pensada por entendermos que ele possibilita estabelecer um vínculo entre o pesquisador e o pesquisado, possibilitando uma facilidade na compreensão dos dados a serem levantados.

O método qualitativo divide a sua abordagem em três etapas, sendo elas as seguintes: primeiro temos a fase exploratória na qual iremos ler e explorar os textos bases para a realização desta pesquisa; já a segunda fase é o trabalho de campo, ou seja, o pesquisador irá em busca das respostas necessárias para a compreensão das questões étnico raciais na escola bem como verificar se o objetivo de estudo foi cumprido.

Por fim, temos a terceira fase em que consiste na análise e tratamento de todo o material empírico coletado a partir da ida a campo e dos textos lidos que embasam teoricamente esta pesquisa, para que assim novos saberes possam ser construídos, sem deixar de lado os que já são fontes documentadas.

5.3 Local de Pesquisa

A pesquisa foco deste trabalho foi realizada na Escola Creche Gênesis situa-se no Bairro Alto da Mangueira, Rua João T. de Araújo, 443, região periférica de Maracanaú-

Ce, região metropolitana de Fortaleza-Ce, distante aproximadamente 20 km da Capital do Estado do Ceará.

5.4 Participantes

As (os) participantes desta pesquisa serão alunos(as) da educação básica, especificamente do infantil 5 da Escola Creche Gênesis localizada em Maracanaú-ce, com a faixa etária de idade entre 5 anos e 6 anos.

5.5 Técnicas para a Coleta de Dados

Para a coleta de dados desta pesquisa será realizado primeiramente um levantamento de dados bibliográficos com autores que dialoguem com a pesquisa. Uma vez que a técnica de pesquisa bibliográfica é importante e necessária para a contextualização e escopo da pesquisa.

Foi feita a observação participante, a fim de analisar os comportamentos e as ações dos alunos do infantil 5 para com seus colegas diante das atividades feitas em grupos e individual durante o ano letivo. Na qual essa observação poderá nos proporcionar uma maior reflexão acerca das vivências racistas no âmbito escolar.

Segundo Queiroz (2007) a observação participante pode nos proporcionar, “O ato de observar é um dos meios mais frequentemente utilizados pelo ser humano para conhecer e compreender as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as situações.” (p.277). A mesma afirma que ao observarmos os diversos comportamentos que há no meio em que estamos inseridos como a sala de aula, poderemos então compreender e ter uma noção real sobre o que estamos estudando ou pesquisando.

Na qual segundo a autora,

Observar é aplicar os sentidos a fim de obter uma determinada informação sobre algum aspecto da realidade. É mediante o ato intelectual de observar o fenômeno estudado que se concebe uma noção real do ser ou ambiente natural, como fonte direta dos dados. (p.277).

Realizaremos uma atividade pedagógica na qual cada criança fará um desenho de um auto retrato de si mesma. Iremos também realizar uma atividade lúdica “Dinâmica do Espelho” com as crianças a fim de estimulá-las a refletirem sobre si mesmas, compreendendo assim a sua relação com os outros e a identidade que cada um tem. Essa

atividade será realizada da seguinte forma, orientei para que a turma fique sentadas (os) em um círculo chão, no centro haverá uma caixa com um espelho dentro, cada aluno será direcionado ao centro para pegar a caixa e abri-la ao abrir a caixa o aluno verá seu reflexo refletido no espelho e terá 10 minutos para observar suas características físicas e se identificar. Após todos realizarem este momento frente ao espelho, pedirei para que façam um auto retrato de como se veem, pintem e apresentem aos seus colegas.

Desse modo, a partir da utilização dessas técnicas a pesquisa foco deste trabalho foi realizada, a fim de obtermos êxito na elaboração da mesma e podermos proporcionar uma melhora na qualidade de ensino destas crianças desconstruindo o racismo presente em nossa sociedade. |

Tabela 1 - Realização da Atividade da Pesquisa

Atividade n. 01

AUTO RETRATO	MENINAS (NEGRAS)	MENINOS (NEGROS)	MENINAS (BRANCAS)	MENINOS (BRANCOS)
1º Desenho	4/4 usaram o lápis de cor bege.	1/2 usaram o lápis de cor bege. 1 usou outro lápis de cor.	3/4 usaram o lápis de cor bege. 1/4 usou outro lápis de cor.	4/4 usaram o lápis de cor bege.
Resultados	0% usou o lápis de cor semelhante ao seu tom de pele.	80% usou o lápis de cor semelhante ao seu tom de pele.	80% usou o lápis de cor semelhante ao seu tom de pele.	100% usou o lápis de cor semelhante à sua pele.

Atividade n. 02

Dinâmica do Espelho	Todas participaram e adoraram se ver.	Todos participaram e adoraram se ver.	Todas participaram e adoraram se ver.	Todos participaram e adoraram se ver.
2º Desenho	4/ 4 usaram outro tom de lápis de cor que se assemelhou ao da sua pele.	2/2 usaram outro tom de lápis de cor que se assemelhou ao da sua pele.	4/4 usaram o tom de lápis de cor bege que se assemelha ao seu tom de pele.	4/4 usaram o tom de lápis de cor bege que se assemelha ao seu tom de pele.
Resultados	100% usou o lápis de cor semelhante à sua pele.	100% usou o lápis de cor semelhante à sua pele.	100% usou o lápis de cor semelhante à sua pele.	100% usou o lápis de cor semelhante à sua pele.

5.6 Aplicação da pesquisa

Dinâmica do auto retrato

No dia 23 de outubro de 2024, realizei a pesquisa em sala de aula com a turma do infantil 5 no turno da manhã, neste dia foram apenas 14 alunos sendo eles 8 meninas sendo 4 negras e 4 brancas, 6 meninos sendo 2 negro e 4 brancos, após o momento de acolhida em sala, expliquei as crianças como seria esta proposta de atividade, entreguei a elas folhas A4 e pedi para que as mesmas fizessem um desenho de si mesmo, algumas me questionaram perguntando: “Mas tia porque eu tenho que me desenhar?” “Para que esse desenho?”

Conversei novamente com a turma explicando que eles estavam fazendo um auto retrato e que suas mães iriam amar ver o desenho, quando todos terminaram de desenhar solicitei que fizessem a pintura do desenho livremente, enquanto estavam pintando observei conversas paralelas entre eles e como estavam ficando a pintura dos desenhos. As meninas entre si perguntavam umas às outras que cor elas iriam pintar o cabelo e outras queriam copiar a pintura como a colega havia pintado, entre os meninos não houve muitos comentários alguns até pintaram bem rápido pra terminar logo.

Passei de carteira em carteira olhando os auto retratos quando eu me aproximava de qualquer aluno(a) perguntavam: “Tia a senhora tá achando bonito?” Observei que 80% da turma deixou a pele do desenho para pintar por último, não comentei nada e não intervi na forma como estavam realizando seus auto retratos. Quando a turma terminou de pintar pedi para de um por um vir a frente apresentar o seu auto retrato, as crianças ficaram bastante animadas por apresentarem seu desenho e orientei os mesmo a se apresentarem assim: “Bom dia, meu nome é Vitória e esse é o meu auto retrato.”

Sucessivamente cada um (a) apresentou desta forma, enquanto faziam a exposição de seus desenhos analisava como estava cada pintura, notei que cerca de 95% da turma pintou a pele do seu auto retrato com o tom do lápis de cor bege, apenas 5% da turma pintou o auto retrato com o tom de pele que assemelhava se a seu tom de pele. Questionei as crianças sobre essa questão e o porquê a maioria usava apenas o lápis de cor bege e os mesmos me responderam: Tia porque é o lápis cor de pele”, “Minha mãe diz para pintar com a cor de pele (lápis bege),” Ah, tia eu não tenho outro lápis cor de pele”.

Dinâmica do Espelho

Depois de ouvir as crianças, continuei a atividade agora com a dinâmica do espelho, levei um espelho pequeno e fui passando o mesmo por cada aluno, entregava o espelho fechado e o orientava a abrir e ver o que estava a sua frente, a turma ficou bastante surpresa ao se olhar, senti que algo foi despertado, alguns de imediato quiseram apagar a pintura do desenho anterior. Após realizar esse momento com a turma, conversei com eles sobre como cada um de nós é diferente do outro, mas que cada diferença entre a cor do cabelo e a cor da pele nos faz únicos e lindos como somos.

Separei alguns lápis que podemos representar variados tons de pele, mostrei a elas (es) e fui explicando que em nosso país existem diferentes tons de pele entre as famílias e na sociedade pois somos frutos de uma mistura de pessoas e culturas que estão no Brasil, falei para eles que a cor da pele de cada um não o torna maior ou menor que o colega e que devemos sempre respeitar todos e tratá-los com amor, carinho e que tenham orgulho da cor de sua pele e não aceite que digam o contrário. Após essa conversa com a turma orientei os mesmos a fazerem outro desenho, porém agora como se enxergam no espelho, cor dos olhos, cor do cabelo, cor da pele, com dos lábios, cabelo liso ou cacheado, notei que alguns estavam bem felizes e sorrindo ao fazerem esse outro auto retrato.

Após concluírem o segundo auto retrato orientei a todas (os) a apresentarem para a turma, porém desta vez descrevendo cada parte e detalhe do seu corpo, a cor de seus olhos, como é o seu cabelo, a cor de sua pele, detalhadamente cada aluno descreveu como de fato eram, pedi para que os mesmos apresentassem desta forma para trabalhar para além das questões raciais também a construção da identidade de cada um, para que sintam orgulho de como são e assim não perpetuem as narrativas preconceituosas e discriminatórias que estão presentes em nossa sociedade.

As crianças pediram para levarem para casa o segundo auto retrato feito por elas afirmando que o segundo desenho estava bem mais bonito que o primeiro e desejavam mostrar aos seus pais com muita satisfação, então liberei para que pudessem levar os desenhos e fiquei apenas com os primeiros auto retratos para analisar e anexar na pesquisa.

5.7 Análise

Com a presente pesquisa, percebi e analisei o comportamento das crianças naquele contexto somado as minhas experiências prévias, constatei a importância da desconstrução das narrativas acerca do lápis bege sendo o mesmo para muitos uma referência em tom de pele desde os tempos passados, mas que até hoje manifestam-se através dos nossos avós, pais e tios que carregam em si a marca desta narrativa e que por muitas vezes reproduz aos filhos, netos e sobrinhos esses ensinamentos de forma errônea e quase nunca corrigida.

Como Kabengele Munanga (2015) recomenda que no Brasil a educação possa ser multicultural ou seja incluindo a partir das Leis criadas 10.639/03 e 11.645/08 a diversidade cultural que permeia a construção da cidadania com o enfoque na história e cultura de outros povos formadores do país. Afirma ainda que da,

Importância e a urgência em todos os países do mundo, em implementar políticas que visem ao respeito e ao reconhecimento da diferença, centradas na formação de uma nova cidadania por meio de uma pedagogia multicultural. Acredita-se que essa nova pedagogia possa contribuir na construção de uma cultura de paz e no fim das guerras entre deuses, religiões e culturas (p. 20)

A partir da implementação dessas políticas públicas e através da aplicabilidade da Lei 10.639/03 as crianças irão poder reconhecer as diferenças, identificar toda a diversidade cultural presente na sociedade e especificamente no âmbito escolar, visto que assim saberão como devem tratar e se comportar diante das diferenças que lhes foram apresentadas.

Eliane Cavalleiro (2012) destaca que durante a realização da sua pesquisa em uma determinada escola a mesma percebe uma ausência nos questionamentos acerca da diversidade étnica presente diariamente no meio escolar, enfatizando que por parte dos professores (as), coordenação pedagógica e da direção a um grande despreparo da escola e até mesmo desinteresse em se trabalhar as questões étnicas raciais, assim como também podemos observar nas escolas de hoje principalmente na educação infantil, pois “ a convivência multiétnica na escola não é levada em consideração pelos seus profissionais. O debate está ausente nas pautas das reuniões pedagógicas, nas JEI(s) (jornada especial integral) e nos planejamentos (p. 54)

Assim, as atividades pedagógicas realizadas em sala de aula com as crianças, possibilitou que eu abordasse não somente as questões raciais que perpassam o nosso

cotidianamente, mas também a possibilidade de se pensar sobre a identidade delas, mostrando que do estranhamento, do diferente há algo bonito a ser mostrado e compartilhado, que cada um deve aceitar e valorizar o seu corpo e a sua cor, também respeitar o colega respeitando as diferenças para que assim a desconstrução seja uma realidade nas escolas e possa acontecer possibilitando a comunidade escolar e a população negra a igualdade no acesso à educação, a condições de trabalho justas e a vir ocupar cargos e carreiras consideradas de prestígio social, hoje ocupados pela maioria branca em nosso país.

De acordo com Renato (2012), uma educação antirracista pautada nas Leis 10.639/03 e 11.645/08 contribuem para o respeito à diversidade e a inclusão de uma pedagogia pluriversal, “neste sentido, a pluriversalidade pedagógica pode trazer, em se tratando de sala de aula, um conjunto de novas alternativas para o aprendizado” (Nogueira, 2012, p.71). Propondo assim que essas novas alternativas nos ajudem a trabalhar em sala as questões raciais e a diversidade étnica presente no Brasil.

Com o exercício da atividade proposta e realizada em sala, cerca de 95% da turma no segundo desenho conseguiram destacar cada parte do seu corpo exatamente como viram no espelho, a cor dos olhos, cabelo, pele, como eram o seu nariz, a cabeça, as orelhas. Quando vi o resultado, confesso que me emocionei ao ver que de fato eles compreenderam o conhecimento que passei e que estavam orgulhosos de como eram e como antes se enxergavam.

Alguns mesmo após a realização da atividade, cada vez que vão realizar alguma outra pintura me olham e dizem: “Olha tia eu tenho vários lápis cor da pele” destacando as variadas cores que os apresentei. Até a mãe de um aluno no dia seguinte após a atividade chegou na sala e me disse que o filho havia corrigido quando ela pediu ao mesmo o lápis cor de pele bege e ela disse que como eu ensinei em casa ele fez com ela e que estava muito feliz pela iniciativa de realização desta atividade com a turma.

Ao ter o contato com o currículo afrocentrado dentro da Unilab, os conteúdos trabalhados pelos (as) professores (as), em todas as componentes curriculares me permitiu mergulhar na história e cultura africana, afro-brasileira e indígena como por exemplo: A Profa. Jacqueline Costa que nos leva a conhecermos e aprofundarmos nossos conhecimentos sobre fábulas e literaturas africanas; a Profa. Rebeca Meijer que nos apresenta uma didática que nos permite sair do tradicional e incluir em sala as questões étnicas raciais; o Prof. Evaldo Ribeiro nos leva a refletir sobre a descolonização do currículo e as práticas pedagógicas para além da sala de aula; o Prof. Ivan Costa que nos

faz analisar livros didáticos da disciplina de história e geografia a fim de identificarmos se a Lei 10.639/03 tem sido trabalhada nesses livros, na qual os mesmos estão aptos e preparados a lidarem com os desafios que podem ser gerados a partir da aplicabilidade deste currículo não tradicional.

Rebeca Meijer (2019) sobre o currículo afrocentrado da Unilab afirma que “a afrocentricidade não é ainda uma abordagem muito conhecida e tampouco compreendida para muitos de nós. Além de que, acredito que não há abordagem que caiba inteira em um projeto de ação educativa. Assim, apresentarei aspectos da abordagem afrocêntrica que influenciam os objetivos de formação docente do curso de licenciatura Pedagogia da Unilab”. Nos fazendo refletir acerca da importante valorização dos saberes ancestrais africanos e afro-brasileiros.

No mais este modelo de ensino e currículo que vivenciei na Unilab, tem feito a diferença na minha formação como pedagoga e na trajetória universitária e profissional das (os) colegas que tem passado pelo curso, pois não podemos aceitar que narrativas racistas, preconceituosas e discriminatórias continuem se manifestar nos espaços institucionais de construção de saberes e na sociedade em que vivemos, todos os profissionais da educação se poderem ter uma formação afro referenciada como a que a UNILAB nos possibilita viver a educação como um todo tende a melhorar a nossa atuação como docentes comprometidas (os) com uma educação antirracista e com uma sociedade que respeite cada pessoa na sua diversidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo que o Brasil é um país multicultural, na qual a uma diversidade de grupos étnicos que compõem a sociedade fazendo parte da construção da história do

povo brasileiro, o racismo ganha espaço a partir do processo de escravização dos povos indígenas e africanos deslegitimando a participação desse povo na história do país silenciando a real história a ser contada nos livros didáticos, apresentada em atividades realizadas na escola e em debates sobre as questões étnico-raciais trabalhados as vezes apenas no mês de novembro em alusão ao feriado Nacional do Dia da Consciência Negra (20 de novembro).

O racismo para além de ser vivenciado nos lares, ele está por toda nossa sociedade, sendo o mesmo também presente nas escolas, visto que observamos que todo o preconceito e discriminação racial parte do pensamento eurocêntrico enraizado na população brasileira, na qual valoriza até hoje somente aquilo que vem do branco, considerado pelos mesmos como bons.

De acordo Petronilha Beatriz (2018):

O “silenciamento” é uma das ações, atitudes e estratégias adotadas pela escola brasileira para o enfrentamento do racismo. Dessa forma, de um lado professores não costumam intervir diante de conflitos que agridem crianças negras, em virtude de sua raça/cor, de outro, recomendam aos alunos negros, quando hostilizados por sua cor/raça, que ignorem, finjam que a agressão não é dirigida a eles. (p. 131)

Por isso as temáticas acerca do racismo não são trabalhadas na maioria das escolas, muitos professores (as) tentam de certa forma tampar seus olhos para fugirem dessas questões e até chegam a dizer que o racismo no Brasil não existe ou que as crianças são muito pequenas para entenderem sobre isso, por isso para esses professores (as) não é pertinente falar sobre as questões raciais presente em nosso cotidiano ou até mesmo repreender as atitudes racista que as mesmas crianças podem ter pois para eles é apenas uma brincadeirinha.

A aplicação da Lei 10.639/03, surge como uma correção do currículo e também como uma política pública que altera a LDB, visa dar visibilidade, vez e voz a história e cultura dos povos africanos, negros, quilombolas e indígenas, cuja a história até hoje tem sido deslegitimada e não contada como deveria ser. Trazer a cultura africana, afro-brasileira e indígena para a sala de aula é de suma importância para a construção da identidade e para identificação de cada aluno(a) como pertencente ou não de algum desses grupos étnicos ensinando-os sobre a valorização de cada cultura, sobre respeitar a todos e a não discriminar racialmente o negro.

Acredito que a atividade pedagógica realizada em sala com a turma do infantil 5, foi um primeiro passo na deslegitimação das narrativas sobre um “lápiz cor de pele”, na qual foi possível analisar como as crianças se identificavam ao realizarem o auto retrato e como a visão das mesmas sobre si ao fazerem a comparação entre a sua imagem refletida no espelho e o desenho feito mudou.

Pois a criança negra ao entender que o lápis de cor bege não é referência ao seu tom de pele e que há vários outros tons que se aproximam da sua cor começa a construir a legitimação da sua identidade enquanto criança negra, na qual essa auto afirmação sobre si mesma, as orienta acerca da necessidade de se confrontar o preconceito racial enfrentado por elas diariamente aprendendo a se valorizarem enquanto parte da real história do povo brasileiro. Nilma Lino (2003, p. 170) refletindo acerca da tentativa de articulação de cultura, educação e formação de professores vai dizer que é dentro da escola que temos que fazer a diferença, lugar de se pensar os processos educativos escolares e não-escolares.

Nesse sentido, diante da presente pesquisa a mesma nos mostra que podemos colocar em prática o currículo afrocentrado, na qual nos possibilita em sala de aula elaborarmos atividades que trabalhem as questões étnico-raciais e que estejamos (as) atentas (os) a construção da identidade da criança negra e como essa futura geração de crianças poderá reagir de forma mais contundente ao racismo estrutural, e que também o estado, a escola e as universidades façam a sua parte punindo atitudes racistas que não cabe nos tempos de hoje.

REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em: <<https://taymarillack.files.wordpress.com/2017/09/do-silc3aancio-do-lar-ao-silc3aancio-escolar-1.pdf>>. Acesso em: 20/11/2024.

DOMINGUES, Petrônio. **O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil.** Diálogos Latinoamericanos 10, São Paulo, 1889 - 1930. Disponível em: <<https://tidsskrift.dk/dialogos/article/download/113653/162272/233644#:~:text=Assim%2C%20o%20mito%20da%20democracia,desigualdade%20entre%20negros%20e%20brancos.>>. Acesso em: 20/11/2024.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala.** Rio de Janeiro: Maia & Schmidt Ltda, 1933. Disponível: <<https://archive.org/details/gilberto-freyre-casa-grande-senzala>>. Acesso em: 20/11/2024.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador. Saberes construídos na luta por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-4698192237>>. Acesso em: 20/11/2024.

_____. **Educação, Identidade Negra e Formação de Professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>>. Acesso em: 20/11/2024.

H.; SILVA, Geranilde Costa e. **Pret@gogia: referencial teórico-metodológico para o ensino da História e Cultura Africana e dos Afrodescendentes.** Fortaleza: UFC, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/7955/1/2013-TESE-GCSILVA.pdf>>. Acesso em: 20/11/2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo no Cotidiano.** Tradução de Jess Oliveira. - 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. Disponível: <https://www.academia.edu/39868012/MEM%C3%93RIAS_DA_PLANTA%C3%87%C3%83O_EPIS%C3%93DIOS_DE_RACISMO_COTIDIANO>. Acesso em: 20/11/2024.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. **A formação docente afrocentrada da UNILAB: o saber docente ancestral no ensino de didática nos países da integração.** Debates em Educação, [S. l.], v. 11, n. 23, p. 598–611, 2019. DOI: 10.28998/2175-6600.2019v11n23p598-611. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6217>>. Acesso em: 20/11/2024.

MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. **Valorização da cosmovisão africana na escola: narrativa de uma pesquisa-formação com professoras piauienses.** 2012. 195F Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7620>>. Acesso em: 20/11/2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. Disponível:

<https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf.> Acesso em: 20/11/2024.

MUNANGA, Kabengele. **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?**. Rev. Inst. Estud. Bras. (62), Dez 2015. Disponível: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i62p20-31>.> Acesso em: 20/11/2024.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. O Sortilégio da Cor: Identidade, Raça e Gênero no Brasil. 1 ed. São Paulo: Summus/ Selo Negro, 2003. v. 1. p. 413. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=-ZAW8BhVcTQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_atb#v=onepage&q&f=false.> Acesso em: 20/11/2024.

NOGUEIRA, Renato. **Denegrindo a Educação: Um ensaio filosófico para uma Pedagogia da pluriversidade**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE), (18), p. 62-73. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4523/4124>.> Acesso em: 20/11/2024.

_____; ALVES, L. P... **Infâncias Diante do Racismo: teses para um bom combate**. Educação e Realidade, v. 44, p. 1-22, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623688362>.> Acesso em: 20/11/2024.

PETRONILHA, Beatriz. **Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares**. Educ. rev. 34 (69) Mai-Jun 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-4060.58097>.> Acesso em: 20/11/2024.

QUEIROZ, Danielle, VALL, SOUZA, VIEIRA. **Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde**. R Enferm UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2):276-83. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2020779/mod_resource/content/1/Observa%C3%A7%C3%A3o%20Participante.pdf.> Acesso em: 20/11/2024.

APÊNDICES

Desenho 1 - Auto retrato: Maria (nome fictício), 6 anos, criança negra com cabelos cacheados. A aluna não se reconhece como uma criança negra, representado assim através de sua pintura a cor de sua pele pelo tom do lápis de cor bege.



Desenho 2 - Auto retrato: João (nome fictício), 6 anos, criança branca com cabelo liso. O aluno realizou a pintura do desenho utilizando o lápis de cor bege fazendo referência ao tom claro de sua pele.



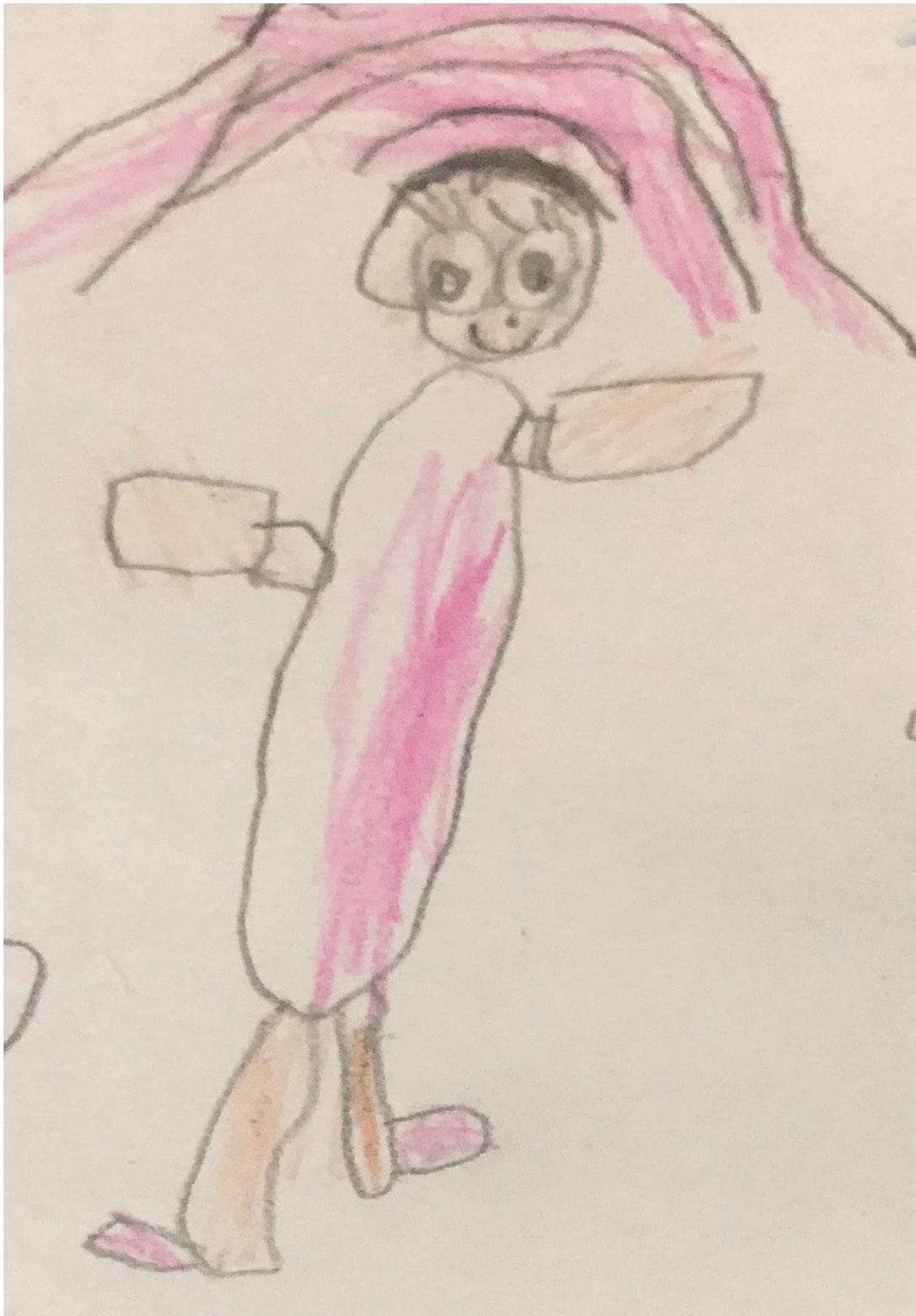
Desenho 3 - Auto retrato: Marcela (nome fictício), 6 anos, criança branca com longos cabelos cacheados. A aluna realizou a pintura usando o lápis de cor bege como representação do seu tom de pele claro.



Desenho 4 - Auto retrato: Isaque (nome fictício), 6 anos, Autista, criança negra com cabelo crespo. O aluno realizou a pintura do seu auto retrato com o lápis de cor marrom, cor que o mesmo afirmou assemelhar-se ao tom de sua pele.



Desenho 5 - Auto retrato: Isadora (nome fictício), 6 anos, criança branca com cabelos cacheados, a mesma possui dificuldade em sua coordenação motora. A aluna realizou a atividade de pintura utilizando o lápis de cor bege referindo-se ao seu tom claro de pele.



Desenho 6 - Auto retrato: Marcela (nome fictício), 6 anos, branca com longos cabelos lisos. Realizou a atividade de pintura utilizando o lápis de cor marrom na qual este tom de lápis de cor não faz referência ao tom claro de sua pele.



Desenho 7 - Auto retrato: Gabriela (nome fictício), 6 anos, criança negra de cabelos longos lisos. A aluna realizou a atividade de pintura utilizando o lápis de cor bege, na qual não faz referência ao seu tom de pele negro.



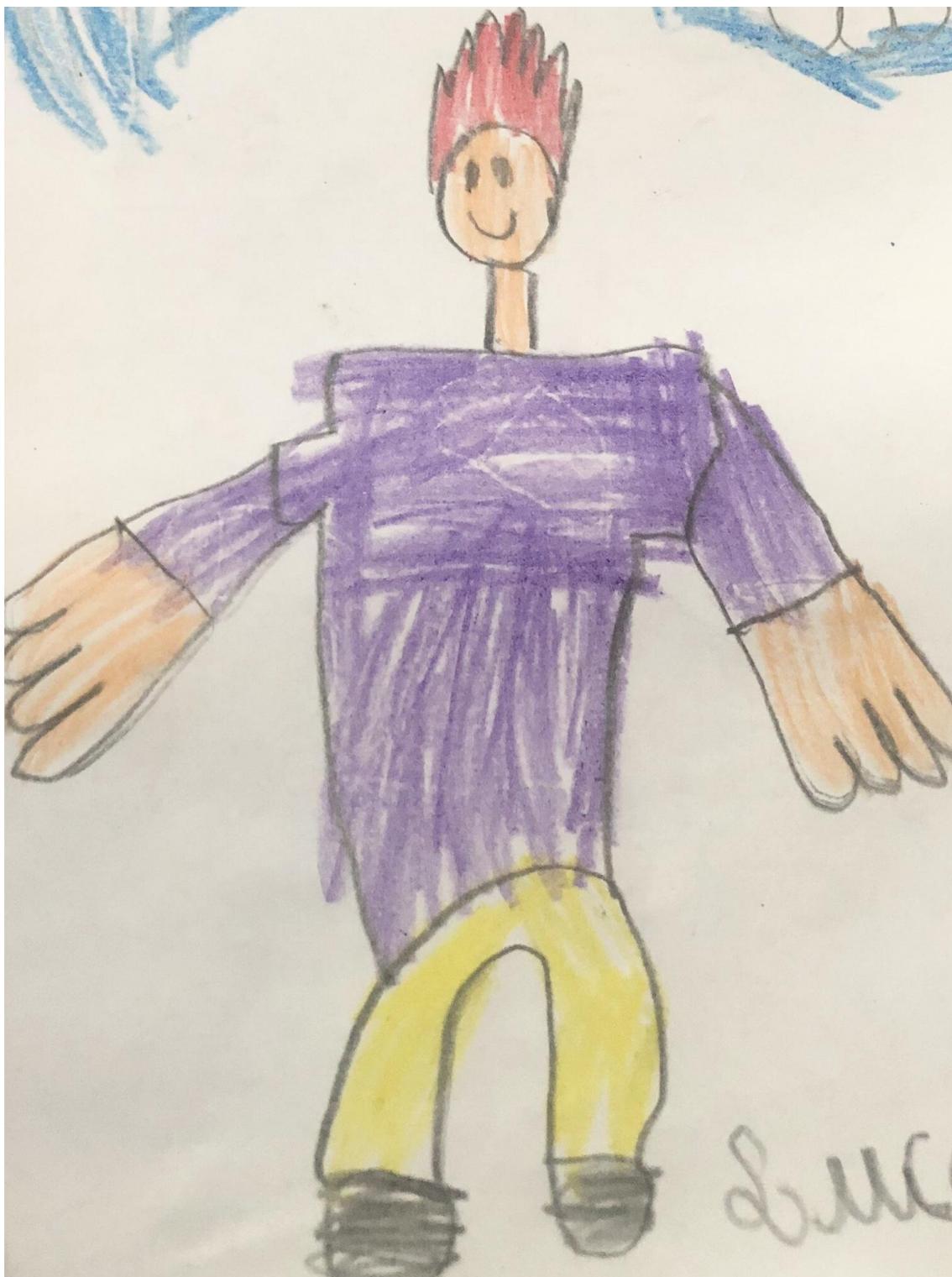
Desenho 8 - Auto retrato: Antônio (nome fictício), 6 anos, criança negra com cabelo liso. O aluno realizou a atividade utilizando na pintura o lápis de cor bege, na qual este tom de lápis claro não se assemelha ao seu tom de pele negro.



Desenho 9 - Auto retrato: Laura (nome fictício), 5 anos, criança negra com cabelos cacheados. Realizou a atividade utilizando o lápis de cor bege, na qual este tom de lápis não se assemelha ao seu tom de pele negro, a mesma também desenhou seu cabelo liso mesmo sendo cacheado.



Desenho 10 - Auto retrato: Guilherme (nome fictício), 5 anos, criança branca com cabelos lisos. Realizou a atividade de pintura utilizando o lápis cor bege, se referindo ao seu tom claro de pele.



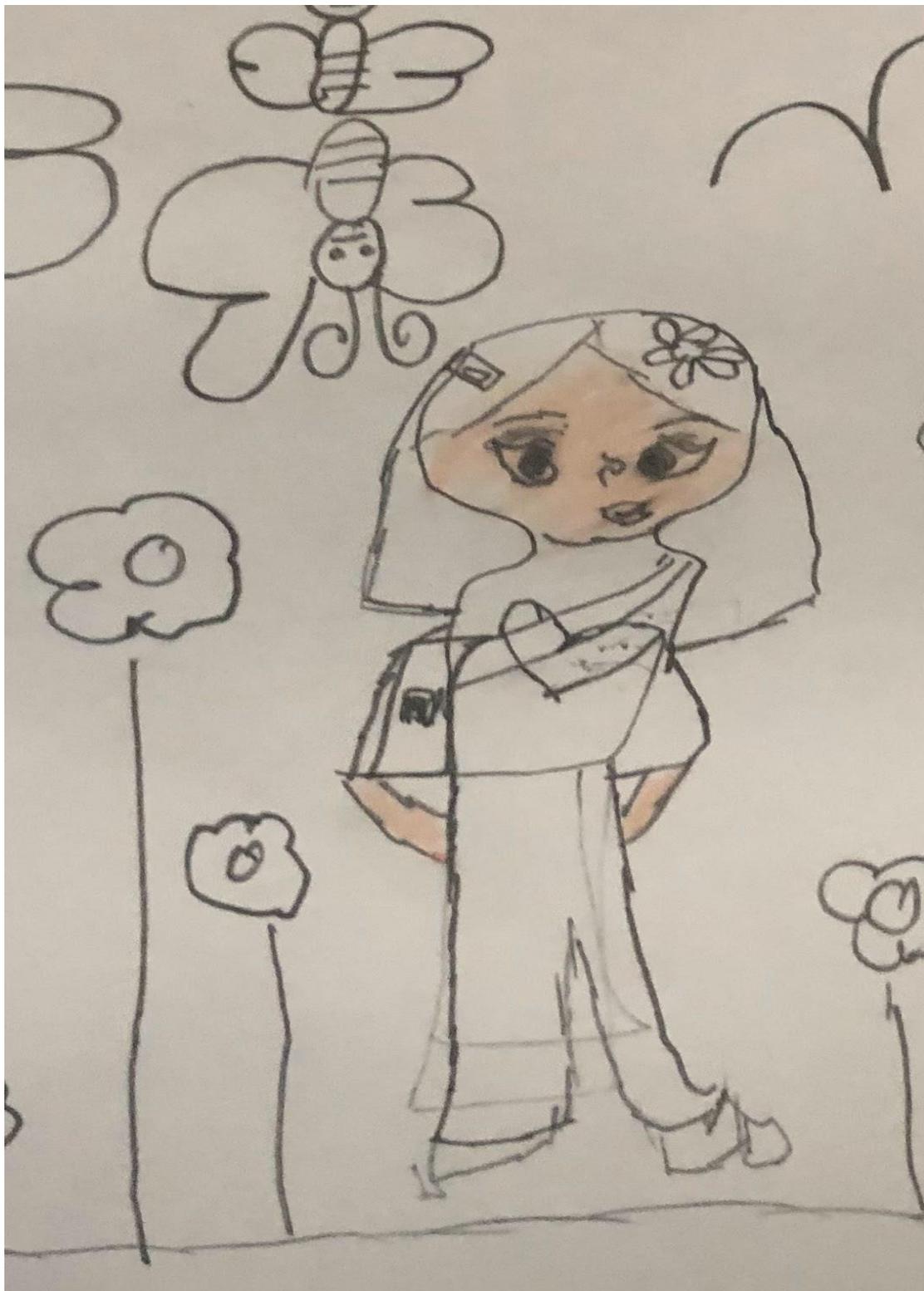
Desenho 11 - Auto retrato: Benjamim (nome fictício), 6 anos, criança branca com cabelos lisos. Realizou a atividade utilizando em sua pintura o lápis de cor bege, se referindo a proximidade com o seu tom de pele claro.



Desenho 12 - Auto retrato: Benício (nome fictício), 6 anos, criança branca com cabelos lisos. O aluno em sua atividade de pintura utilizou o lápis cor bege, referindo-se ao tom de sua pele clara.



Desenho 13 - Auto retrato: Noemia (nome fictício), 6 anos, criança branca com longos cabelos lisos. A aluna realizou a atividade utilizando para representar seu tom de pele o lápis de cor bege.



Desenho 14 - Auto retrato: Júlia (nome fictício), 6 anos, criança negra com cabelos cacheados. Realizou a atividade utilizando também o lápis de cor bege, cor de lápis que não se assemelha ao tom de sua pele negra.

